

# Letras e Artes

Domingo, 16-7-1950

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Ano 4.º — N.º 171

Em agosto de 1949 representou-se em Salzburg, perante público internacional, a nova ópera "Antigone", de Carl Orff. Depois, a obra apareceu em várias cidades européias; foi divulgada por grandes radio-emissoras; constituiu, no momento, objeto de discussões apaixonadas de músicos, escritores, diretores de cena e estudiosos em toda parte do mundo, enquanto em nosso Teatro Municipal ressoam as doces melodias de Massenet e Puccini.

"Antigone" é, como se sabe, a peça mais "atual" do repertório antigo. Só durante os últimos anos nada menos do que dramaturgos (entre eles um alemão, um francês, um austríaco) deram novas versões do conflito permanente entre lei humana e a lei divina.

Carl Orff preferiu porém a própria peça de Sófocles, embora na tradução só há pouco reeditada de Hölderlin, tradução em linguagem arcaica e meio hermética, carregada de sentido como o oráculo de uma divindade esquecida.

"Pôr em música", a maneira tradicional, esse texto seria impossível. Com efeito, Orff quis apenas acrescentar ao texto mais uma dimensão: a musical. Mais ou menos assim como fez Eric Satie em seu "Socrate".

As palavras de Sófocles-Hölderlin são declamadas de uma maneira que o próprio compositor chama de "mecânica de repetição", enquanto aos críticos ocorreu o termo "monomania rítmica": lembraram-se do cantochão gregoriano, de salmos murmurados na sinagoga; contudo, o ritmo não pode ser tão repetitivo assim, pois a canção final de Antigone é um bolero.

A singularidade da declamação musical corresponde a orquestra, certamente a mais estranha que já se ouviu em todos os tempos: 4 piano-fortes (tocados a quatro mãos), 6 contrabaixos, 3 harpas, 6 trombetas, 4 flautas, 6 oboés e, dominando o elenco, 15 tocadores de instrumentos de percussão, tambores, címbalos, xilofones, gongs — uma assembleia sinistra. Essa orquestra não pode ter funções melódicas nem harmônicas; na verdade, apenas serve para fortalecer os ritmos, para intercalar pequenos refrãos, para colocar sinais de pontuação. Não faz, como se poderia pensar, barulho; essa orquestra fala baixo, mas com obstinação marcada.

Quanto ao efeito, os críticos e os espectadores compreensivos estão de acordo: durante a representação, a música é ressentida como perturbando a compreensão do texto; mas quando este é relido, depois, os estranhos sons voltam irresistivelmente à memória, ligados para sempre às palavras. A "Antigone" de Orff não é uma ópera. É outra coisa, algo de novo ou então de muito antigo.

É uma das várias tentativas, em nosso tempo, de reconquis-



FESTA DO DIONÍSIO — "5 séculos antes de Cristo"

## A MUSICA E O MITO

OTTO MARIA CARPEAUX

tar o teatro grego. São cada vez mais numerosas as traduções, versões livres, adaptações, imitações. Na França e na Alemanha, o "Agamemnon" de Esquilo e o "Edipo" e a "Antigone" de Sófocles já pertencem ao repertório. Na Inglaterra, representam-se constantemente as traduções de Eurípides, de Gilbert Murray. Já se representaram traduções assim e até as peças originais nos teatros antigos, bem conservados, de Orange, Siracusa e Delfi. O efeito foi poderoso. Mas faltava uma coisa da qual sabemos que o teatro grego nunca dispensou: a música.

Sabem disso os estudiosos há muito tempo. No fim do século XVI, um grupo de intelectuais florentinos empreendeu restaurar a antiga "tragedia com música": foi difícil, e quando o gênero novo-velho amadureceu — saíram "Don Giovanni"; "Tristão e Isolda", "Pelléas et Mélisande" e o "Barbiere di Siviglia". Teria um grego jamais pensado nisso? Mas já não é preciso entoar lamentações com respeito à incompreensão permanente (e inevitável) da Antiguidade pelos séculos. Pelo menos esta incompreensão acabou: em 1594, a "Dafne" de Jacopo Peri foi a primeira ópera; e enquanto se discute a natureza aristocrática ou então burguesa do gênero para explicar-

lhe a decadência, escreveu Ricardo Strauss, em 1940, outra "Dafne", talvez a última. A sobrevivência de uma rotina operística em nossos teatros líricos não significaria nada.

"Só no crepúsculo a coruja da Minerva levanta o vôo". Só em nossos tempos descobriram-se as origens da tragédia. Ainda há muita discussão, aliás: mas as teorias de Ridgeway, Pickard-Cambridge, Murray, Jane E. Harrison, Dawkins, Farnelle e mais outros concordam a respeito do ponto essencial: seja a tragédia a dialogação de ditrambos dionisiacos, ou então de elegias fúnebres, em todo caso sua origem é religiosa. Representa o mito. Apenas não explicam essas teorias por que a tragédia, depois de comêços obscuros e perdidos, entrou só como Esquilo na mais alta categoria literária, para — apenas uma geração depois — acabar com Eurípides, desaparecendo para sempre. Ao motivo religioso deve-se ter acrescentado outro qualquer que só existia durante o século dos três grandes trágicos, perdendo depois a razão de ser. Essa "outra coisa" é a interpretação do mito em sentido político.

O teatro ateniense é a representação do mito para efeitos

políticos. O que os atores realizaram foi um serviço litúrgico, mas os espectadores assistiram em função de membros da Assembleia Legislativa. Por isso, as mulheres estavam excluídas do teatro; e o Prêmio decidiu carreiras políticas. George Thomson interpreta a "Orestia" como representação da substituição do regime feudal pela justiça do Areopago. O sentido político de "Antigone" já foi esclarecido por Hegel. Com a discussão céptica das instituições por Eurípides acabou a tragédia, quando também acabou a República dos atenienses.

A descoberta, em nosso tempo, das origens religiosas e da significação política da tragédia grega só se tornou possível porque as tempestades ideológicas e políticas da época moderna derrubaram a imagem tradicional da Grécia, erigida pelos humanistas, de um Olimpo serenamente alegre. Burekhardt e Nietzsche já tinham descoberto a "face escondida", o aspecto noturno da Grécia. A estátua de Jupiter que domina a cena em "Les Mouches", de Sartre, tem "la face barbouillée de sang" — divulgação teatral dos novos conceitos de divindades bár-

bas de uma humanidade primitiva, por assim dizer sua. A psicanálise "despiu" a tragédia: apareceram a Electra e o Edipo de todos os tempos e do mito.

A renascença, em nosso tempo, da tragicidade grega é tentativa de voltar ao mito. Mas esse caminho para trás não pode ser palmilhado conforme as diretrizes racionalizadoras da psicanálise que pretende extirpar as raízes do mito. Só seria possível a volta através da mesma fase pela qual o mito passou para tornar-se tragédia: através da interpretação política. Nesse sentido, a luta entre a lei humana e a Lei Divina, na "Antigone" de Anouilh, Pemán e Brecht, não termina — como se suporia — com a vitória da Lei Divina e sim com a revelação da impotência trágica das criaturas em face da Ordem irracional do mundo criado. Só a derrota das instituições, em Atenas e entre nós, torna visível essa situação primitiva. Não seriam harmonias sonoras que acompanham essa revelação. 6 contrabaixos e 15 instrumentos de percussão e a poesia marmorea e confusa de Hölderlin, unidos pela monomania rítmica de um mecanismo de repetição, descrevem a situação do homem no Universo. Essa música é trágica.



# DOLAR, COCA-COLA E FUTEBOL 3 COISAS POPULARES NO MUNDO

Interessantes declarações do Presidente da Academia Brasileira de Letras, sr. Gustavo Barroso, a "LETRAS E ARTES", a respeito da viagem que acaba de empreender pela Europa e pelo Oriente — Trouxe o ilustre escritor, da Grécia, um galho da oliveira, de cerca de 25 séculos de idade, sob a qual meditava Platão — Interrogando a Estíngie sobre a sucessão presidencial



A idéia da presente entrevista de "LETRAS E ARTES" com Gustavo Barroso — que acaba de retornar da Europa e do Oriente — nasceu de um almoço na ABI, onde se reunem, com frequência, escritores e jornalistas. Vemos, na fotografia acima, Gustavo Barroso, em companhia de Josué Montelo, Olegário Mariano, Lopes Rodrigues (de costas) e do nosso companheiro Jorge Lacerda.

A IDEIA da entrevista com o acadêmico Gustavo Barroso, que ora acaba de voltar da Europa e do Oriente, nasceu de uma dessas inabituals conversas, à hora do almoço na Associação Brasileira de Imprensa.

No dia seguinte, de sua chegada, contava o sr. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras, passagens curiosas de sua viagem, numa roda em que estavam o acadêmico Olegário Mariano, prof. Lopes Rodrigues, Josué Montelo e o nosso companheiro Jorge Lacerda. "LETRAS E ARTES" resolveu colher do ilustre patriótico:

"A minha viagem ao estrangeiro pode ser dividida em duas partes: a primeira nos países cristãos, ou, melhor, católicos do Mediterrâneo; a segunda, no extremo oriental desse mar, in partibus infidelium, como se dizia em outros tempos."

## UMA CONFERENCIA EM PORTUGAL

"Fui a Portugal a convite da Universidade de Coimbra, onde pronunciei, na histórica Sala dos Capelos, uma conferência sobre a "Presença do Brasil na Literatura do Renascimento". Deu-me o Governo Português a honra de me considerar hospede oficial e cumulo-me de generosas atenções. Meus eminentes amigos Drs. Fernando Pires de Lima, Ministro da Educação Nacional, o Julio Dantas, Presidente da Academia de Ciências, de tal modo me acolheram e homenagearam que me tornaram verdadeiramente cativo por tamanhas gentilezas. Recebi em Portugal uma consagração que não merecia e que somente atribuo ao amor daquele país por tudo quanto é brasileiro e à admiração que nele existe pelas instituições culturais que eu representava.

## PORTUGAL — O PAIS CAIADO

"Portugal é, na Europa, o País Caiado, o país em que se caem as cascas e os muros em que tudo é branco, claro, limpo. É um jardim. Terra de segurança, de ordem, de bem estar, onde nas coisas, nos homens, em tudo se sente a marca da dignidade. Ali há respeito, compostura, medida, trabalho, disciplina e sobretudo educação. Nenhum outro país conhece que se lhe compare.

Fui oficialmente recebido na Academia das Ciências de Lisboa, saudado pelos meus queridos e eminentes amigos Julio Dantas, Queiroz Veloso e Damiano Peres. Respondi-lhes com um discurso de exaltação da lusitanidade. Na Academia Portuguesa da História pronunciei uma conferência sobre "A morte dos Deuses". Deveria ir ao Porto, a convite da Universidade local, a fim de fazer outra conferência, mas, infelizmente, um forte ataque de gripe me privou desse prazer.

## VISITA A ESPANHA

De Portugal — continua o sr. Gustavo Barroso — passei à Espanha, outro oásis de ordem, disciplina e trabalho fecundo na Europa atual. Ali fui recebido na Academia Espanhola, sob a presidência do Duque de Alba, para a qual havia sido ultimamente eleito.

Do mesmo modo que fizeram o Marechal Carmona e o dr. Oliveira Salazar em Lisboa, recebeu-me o Generalissimo Franco em audiência especial no Palacio do Pardo. Já estive eu com S. Excia. em 1947, durante a Assembléa Cervantina de Madrid, na qual representei o Brasil. Deu-me o Caudillo a honra de conversar sobre os problemas do mundo atual, sobre os quais está otmamente informado. O Chefe do Estado espanhol conserva seu alto espirito sempre vigilante na intransigente defesa da civilização cristã contra o comunismo.

Tenho a impressão nítida de que a Península Iberica, Portugal e a Espanha, defenderão

até a morte o cristianismo contra o materialismo soviético."

## IMPRESSÕES DA ITALIA

"Encontrei a Itália — observa o presidente da Academia Brasileira — cheia de peregrinações e vibrando uníssona de catolicidade no Ano Santo. Pode observar e intenso labor do povo italiano para a reconstrução de sua nobre pátria ferida pela guerra. Há abundância de tudo, os campos estão cultivados, as estradas em boas condições e os edificios bom-

bardeados em reparos. Não me limito a ficar somente em Roma. Estive em Nápoles, Capua, Viterbo, Ostia, Castia, Assis, Perugia, Orvieto, Siena, Florença, Ravenna, Veneza e outras cidades, em toda parte verificando que se trabalha e se recupera o que se perdeu.

## O MAJESTOSO CERIMONIAL DA CANONIZAÇÃO DE SANTA MARIA GORETTI

"As comemorações do Ano Santo têm sido deslumbrantes, sobretudo as canonizações na

Basilica de S. Pedro, nas quais a pompa da liturgia nos deslumbrava. Depois de ter sido pessoalmente recebido pelo Santo Padre, que fala a nossa língua e nos causa profunda emoção pela sua espiritualidade, assisti à canonização de Santa Maria Goretti na basilica de S. Pedro, com uma pontifical cantada em latim e grego. Majestoso cerimonial. Testemunha daquela cena no local da tribuna da Aoademia Pontificia que me havia sido reservado, eu pensava na entrevista do infeliz La-

# JOÃO GASPAS SIMÕES E O FILHO DE EÇA DE QUEIROZ

TEM causado estranheza, de certo, a muita gente, a maneira agressiva com que o sr. António d'Eça de Queiroz vem reproduzindo, num matutino cartão, o livro que acaba de escrever em desafronta à memória de seu pai. Ora, o seu pai é, como todos sabem, o grande Eça de Queiroz, uma das maiores figuras da literatura portuguesa, cuja consagração já passou para o rol das coisas definitivas. Muitas biografias críticas do autor da "Reliquia" apareceram, há alguns anos, por ocasião do seu centenário, e entre elas, a do ilustre crítico João Gaspar Simões, que realizou um trabalho exaustivo, analisando, sob todos os aspectos, a vida e a obra do grande romancista.

Quando um escritor atinge o plano da glória, todo mundo sabe que deixa de pertencer à família, e aos biografos assiste o direito de investigar-lhe a existência, e focalizá-la, mesmo nos detalhes mais íntimos, sempre que se tornarem indispensáveis ao conhecimento exato do homem. Eça de Queiroz, que passou à história, pertence hoje aos biografos, aos historiadores da literatura. Precisamente, João Gaspar Simões surgiu como um dos biografos



João Gaspar Simões

mais minuciosos, lúcidos e honestos do autor dos "Mauas". Se o sr. Antonio d'Eça de Queiroz não concordou com este ou outro ponto, ninguém lhe

nega também o direito de replica, de apresentar provas em contrário, que o público julgará convincentes ou não; o que nos parece descabida é a virulência com que ele exorbita semelhante direito, querendo impor limites à liberdade da critica, condicionando-lhes os julgamentos do critério das famílias dos grandes mortos.

Para os descendentes de um homem célebre pode ser desagradável a revelação de certos aspectos humanos do mesmo. Nisto residirá, porém, um dos percalços irremovíveis da glória. Se os biografos e historiadores — excluindo-se evidentemente o espirito de má fé e escândalos, forem preocupar-se com tais melindres, jamais conseguirão desobrigar-se da respectiva tarefa, que é a de focalizar a verdade. E não se poderia mais se escrever sobre Balzac, Flaubert, Verlaine, tantas outras criaturas geniais, que tiveram e terão fraquezas humanas.

O sr. António d'Eça de Queiroz chega tarde com os seus protestos trunfos. A grandeza indiscutível de Eça de Queiroz já os superou, e há muito.

val com Estaline, quando aquele enumerou as forças contrárias ao comunismo ateu, entre as quais, o Papa, e este lhe fez a pergunta idiota:

— Quantas divisões tem o Papa?

Pois ali o Sucessor de S. Pedro, em nome do Cristo, consagra uma Santa. A mãe dessa Santa assistia à cerimonia e o homem que assassinara aquela santa, arrependido e contrito, jazia em Ascoli, rogando como penitente no fundo dum convento. Que outra religião capaz de tais milagres de santidade, de arrependimento e de perdão? E o Pontífice que a representava tinha em si uma sucessão apostolica de quase 2 mil anos, a qual virá, impavida na sua eternidade proclamada pelo Cristo, se esbarrandarem todos os imperios do mundo, desde o Romano ao de Hitler. Quantas divisões tem o Papa? Ah! o Papa não precisa de divisões que o seu Reino não é, como o de Estaline, deste mundo, mas daquele onde os Estalines só penetrarão se se arrependerem e penitenciarem como o assassino de Santa Maria Goretti, a martir da pureza...

## VISITA A GRECIA

"De há muito alimentava eu o desejo de ir à Grécia e de subir os degraus da Acropole. Realizei-o. Vi com meus olhos a Helade e me sentei nos degraus do Partenon, percorri as ruínas de Eleusis e consegui arrancar um galho da oliveira sob que meditava Platão e conta 25 séculos, a qual, protegida por um gradil e um letreiro oficial, fica a meio caminho de Atenas a Dafni. Possui a Academia Brasileira um ramo do famoso Carvalho do Tasso, que se ergue no Janículo, em Roma, trazido, se me não engano, por Olavo Bilac. Quero doar-lhe agora um da oliveira de Platão, que é bem mais antiga, que é decerto a mais velha arvore do mundo.

Vi ainda a baía de Salamina, onde os persas foram derrotados, e Iliuss cantado por Homero e o Himeto, cujo mel foi celebrado na poesia antiga. De avião sobrevoei Corfu, Itaca, a ilha de Ulisses e Penelope, Corinto, a Eubéia e Lesbos.

## NA TURQUIA

Cheguei ao aeroporto de Atma na Turquia europeia em manhã de muito sol e sob essa luz contemplei as verdes e cultivadas campinas que rodeiam a cidade de Constantinopla pelas quais chegaram até seus muros, ainda de pé e arruinados, os conquistadores otomanos em 1453.

A Constantinopla oriental, carnavalesca, cheia de cães vadios e de bazares pinturescos pintada por Amices, Gautier e Loti não existe mais. O Atatürk Kemal Pacha occidentalizou-a. As tabuletas são em letras latinas, as mulheres não usam véus e não se vê um turbante ou um fez, nem para amostra. Mesmo no bairro do Beyogen, a antiga Pera, numa praça moderníssima, se ergue um monumento com figuras humanas de bronze que contrariam as prescrições anti-ídólatricas do Corão. Todavia os esguios minaretes das mesquitas continuam perfilados no céu azul entre o decrepito casario de madeira da velha Istambul. E a maravilhosa mesquita do Sultão Ahmet é um sonho de pedra azul entre o azul do céu e o azul do Bósforo.

## POUCO RESTA DA VELHA BIZANCIO...

Da velha Bizancio pouco resta. Colunas tombadas. Pedras esquecidas. A igreja de Santa Sofia, gloria arquitetural de Antemio de Trales, agora transformada em museu. Nos jardins de Op Hané, na ponta do Serralho, dormem entre o arvoredo, dos canhões de bronze das antigas guerras, as grandes bombardas de Maomé II, patinadas de verde, com vers-

(Conclui na 8.ª pag.)



# ORSON WELLES FAZ CONFI- DENCIAS A "LETRAS E ARTES"

"MEU SONHO É RETORNAR AO BRASIL, MAS NÃO COMO ASTRO DE  
HOLLYWOOD"

Reportagem de LOUIS WIZNITZEL

PARIS — julho (Via "Air France") — É Orson Welles que reina em Paris neste fim de estação. Paris é como uma mulher que tem sempre a necessidade de um domínio estrangeiro. No ano passado foi Curzio Malaparte, de quem se falava tanto mal, que provocava duelos, mas tinha duas peças representadas nos teatros parisienses e cujas obras se esgotavam nas livrarias. Neste ano temos, ao mesmo tempo, a "Macbeth", de Orson Welles no cinema e duas peças de teatro por ele montadas e interpretadas. A publicidade feita em torno do seu nome é enorme. Primeiramente, foram os "potins", depois os ataques declarados e as diatribes envenenadas. As más línguas pretendiam que a razão técnica dos adiantamentos da estréia de uma de suas peças era a embriaguez em que Orson se encontrava todas as tardes e que o impedia de representar... Os jornalistas estão furiosos porque ele se esquivava de conceder entrevistas. As mulheres adoravam-no ou odiavam-no. O teatro oficial despreza-lhe o romantismo. Mas Orson Welles está como uma árvore que não cessa de crescer.

Não vou apresentá-lo ao público brasileiro, que já bem o conhece. Mas preciso dizer dos obstáculos com que lutei para encontrar Orson Welles. Antes de tudo, é preciso saber que ele parte de cada três dias, de avião, para os recantos mais diversos e mais longínquos do globo. Depois, como descobrir-lhe a residência em Paris, essa residência de que o artista guarda o mais profundo segredo? Mas quando consegui remover todas as dificuldades, tive a satisfação de ser acolhido com a maior polidez por Orson Welles, que se foi logo queixando das pessoas que costumam abordá-lo, com excessiva familiaridade, batendo-lhe no ventre e exclamando: "Hello, Orson!" — "Não é porque se pagam setenta francos para ver o meu filme que alguém passa a ter direito sobre mim" — diz ele. Assim, compreendemos logo a necessidade de ser muito polido e reservado com o grande interprete. Ele não pede senão uma coisa: que o deixem viver e trabalhar em paz.

"SOU, ANTES DE TUDO, UM  
HOMEM DO TEATRO"

— Porque montou o senhor peças de teatro?

— Sou antes de tudo um homem de teatro. Faço o cinema em segundo plano. Nas duas peças minhas que se representam em Paris procuro dar uma visão daquilo que me parece ser os felizes e os malditos. "The unthinking Lobster" é uma fábula de Hollywood, digamos uma sátira dos diferentes meios de Hollywood. Eis a história em duas palavras: No estúdio de Zit Cosmic prepara-se um filme com uma estrela canadense no papel de uma jovem santa. Mas Deus intervem bruscamente. Uma interprete de ocasião, a secretária do produtor, realiza um verdadeiro milagre. Hollywood treme em suas bases. Um arcebispo, que lembra os juizes de Jeanne d'Arc, acusa de heresia a nova santa. Tudo entrará de novo na ordem, quando o produtor tiver concluído um pacto de neutralidade com um celeste mensageiro. Deus não perturbará mais Hollywood, com a condição de Hollywood não produzir mais filme de caricatura religiosa. Orson Welles conta-me o enredo da peça, lentamente, entre dois whiskies. Sente-se que ele se regozija em exprimir na farsa certos velhos rancores. Hollywood nunca lhe fez inteira justiça. Ele tem muito talento e muita independência de espírito para ser tolerado ali. Por isso mesmo, vem-se refugiando na Europa, na Africa, na America do Sul. O milagre de Orson Welles é que sendo um homem sem cul-

tura, consegue "descobrir" os livros que lemos aos dezolto anos, vendo-se através de um prisma de tempestade, de formas "flamboyantes" e barocas, através de verdadeiros relampagos. Para esse artista, Shakespeare não é "normal"; Victor Hugo não é um autor que todo mundo assimilou há muito tempo; Marlowe não é um autor clássico. Todos lhe exprimem vozes terríveis e atormentadas, que ele compreende e procura transmitir ao publico.

UM NOVO "FAUSTO"

— Que lhe deu a idéia da outra peça, "Faust"?

— Uma frase do drama de Marlowe: "as estrelas continuam o seu curso, o tempo passa, a hora vai soar..." Mas o meu Fausto é pessoal. Aparece, primeiramente, como um príncipe da sabedoria em todo o inebriamento da Renascença. Encontra Lucifer, que lhe diz terríveis palavras de Satan miltoniano, e é acompanhado por um côro de três negras, das quais a mais bela é sua Helena, sua Margarida. A musica, que Duke Ellington escreveu especialmente para mim, dá à peça uma atmosfera de misterioso encantamento.



Orson Welles

O ESTADO DE GRAÇA E A  
DANAÇÃO

— Qual a significação filosófica dessas duas peças?

— O céu e o Inferno existem em nós mesmos: cada ser humano traz na alma um estado de graça ou um estado de danação.

— E acha que podemos escapar ao nosso destino se tomarmos consciência disso?

— Não; somos atraídos sempre por ele. Nosso destino é feito para nós, á nossa imagem e semelhança. Os danados não serão salvos; os bem-aventurados não podem perder-se.

— Assim, acredita que Harry Lime, o terceiro homem, será salvo, apesar dos seus crimes?

— Sim, como Fausto se salvou. O diabo é quem paga o tributo do pacto. Harry Lime é fiel a si mesmo, fiel ao seu amigo. E isso é um valor concreto, verdadeiro. A justiça não passa de uma abstração.

"QUERIA PERCORRER O  
BRASIL."

— Conta retornar breve aos Estados Unidos?

— Não sou muito bem visto ali... Um correspondente de um jornal americano, que enviou para a sua folha, na semana passada, um telegrama

que devia interessa-lo a meu respeito, recebeu esta resposta: "Don't file unless someone shoots Orson", o que quer dizer: "Só mande telegrama sobre Orson se o matarem". E o senhor vê que estou passando bem, apesar disso. Meu sonho é retornar ao Brasil, mas não como um astro de Hollywood. queria percorrer o Brasil, entrar em contacto íntimo com o povo, estudá-lo, impregnar-me dos ritmos, das côres, dos sofrimentos do país e ali trabalhar, sim, mas tranquilo e livremente.

O SUCESSO DO CINEMA  
MUDO

— Qual a sua ultima descoberta?

— Uma jovem cantora negra que representa comigo no "Fausto" e pela qual, á ultima hora, modifiquei todo o meu programa de ensaios. Chama-se Eartha Kitt.

— Pensa que a grande época do cinema tenha terminado?

— No tempo do cinema mudo — explica Orson Welles — havia melhores filmes do que hoje por uma razão: nesse tempo um filme era o produto de um único homem. Este escrevia o argumento, os diálogos, representava, montava, concebia todo o filme como uma obra de arte, como um livro ou uma tela. E, dificilmente, uma obra de arte pode vir a ser o trabalho de várias pessoas. Hoje, o cinema tornou-se uma industria: dez pessoas diferentes fazem e interpretam o filme a seu modo. Em geral, o ator não compreende o autor e o diretor não compreende um nem outro. O diretor é o principal responsável pelos filmes virem sendo tão maus, nestes últimos, anos. São eles, os técnicos especialistas, que fabricam, a bem dizer as películas, tornando-as muito diferentes das intenções do autor. Sem duvida, a sobriedade dos meios dava ao cinema mudo uma intensidade dramática e uma qualidade que este hoje dificilmente poderá ter. Mas a arte barroca também existe; o romantismo vem acumulando seus meios. A musica, o dialogo estão longe de serem nefastos. É preciso saber emprega-los, fazê-los representar os respectivos papéis. Basta, ainda hoje, que haja unidade de direção, para o filme sair bom. É o que eu procuro conseguir, é o que tem conseguido Chaplin.

O EXPRESSIONISMO  
ALEMÃO

— Está satisfeito com os filmes que realizou na America?

— Com "Amberzon" e "Citizen Kane" sim. Com os outros não, porque foram terrivelmente modificados. Veja: em "Baby of Shanghai" mal se perceberam os traços da minha autoria...

— Na historia do cinema qual a época que mais o seduz?

— A do expressionismo alemão. Foi a época do verdadeiro cinema. Tínhamos compreendido, então que não estávamos longe das sombras hinesas, no cinema; que havia uma relação permanente entre o que se passa no interior dos personagens e o que se passa em torno deles. O misterio e o instinto entravam em ação.

No filme que não chegou a fazer e que desejava tanto fazer, "O coração das trevas" de Joseph Conrad, no qual pretendia interpretar o obsessante personagem de Kurtz, Orson Welles admira Griffith, Pabst e Eisenstein, invejando-os por terem conseguido praticamente trabalhar sozinhos.

Mas já é tarde. A palestra prolongou-se por mais de uma hora. Orson bebeu varios whiskies e eu também. No dia seguinte acompanho-o ao avião no qual ele parte para Roma, pedindo-me para que diga ao Brasil, por intermedio de "Letras e Artes", o quanto admira o nosso país.



Desenho de YLLEN KERR



**E'** CONVENIENTE que o conhecimento dos "romancistas do Norte"

não dê aos portugueses a impressão de que a literatura brasileira de hoje se encaminha toda no sentido de que Jorge Amado e Lins do Rego são os mais notáveis representantes; nem tampouco que a linha da pura intimidade, a feição interiorista, mais sensibilidade e inteligência do que sensualidade e atividade (perdoe-se a grosseria da simplificação), daquelas cuja genealogia intelectual vai entroncar nos Stendhal, nos Constant, no Fromentin, deixou de ter nela representantes de valor. Eis por exemplo este Amanuense Belmiro no qual se encontra uma admirável riqueza romanescas, daquela que fica toda voltada para dentro e para o possível — o romanesco das vidas que se queimam e esgotam na chama da própria intensidade com que sentem e pensam, sem prise sobre a realidade que as cerca, encadernadas ao doce tormento de sonhar.

Há livros que não conseguimos ver independentemente do seu autor, que nos "obrigam" a estabelecer uma ligação entre ele e a personagem central: estão neste caso os romances apresentados sob a forma de diário, como aqui, e quando, é claro, as figuras e as coisas nos surgem verossímeis. Verossímil e verdadeiro são palavras de sentido mais diferenciado ainda do que à primeira vista parece;

(Conclusão da 3ª. pág.)

culos do Corão em cartelas ornamentadas de arabescos.

Istambul a Turca adormece no passado lendário. Da Bizâncio greco-romana e cristã poucas são as testemunhas: o aqueduto, as muralhas, o castelo das Sete Torres, Santa Sofia, a coluna de Constantino, as ruínas de Blaquernes... Mas, ao lado do que se foi, os taxis businantes fazendo lotação como no Rio, a luz elétrica refletindo-se nas águas históricas do Corno de Ouro e o fononar das motocicletas apagando nas tardes movimentadas o canto sonoro dos muezins no alto dos minaretes, proclamando que Alá é o único Deus e Maomé seu único profeta...

**A PRIMEIRA PERGUNTA DO JORNALISTA TURCO FOI SOBRE O NOSSO FUTEBOL**

Um jornalista turco entrevistou-me no Hotel Pera Palace, onde me hospedei. Sua primeira pergunta ao Presidente da Academia de Letras do Brasil não foi sobre a nossa literatura, mas sobre o campeonato de futebol no Rio de Janeiro. Verifiquei, assim, mais uma vez, melancolicamente, que o futebol contribui mais para nossa propagação do que as obras de Euclides da Cunha ou Machado de Assis.

**O DOLAR, O FUTEBOL E A COCA-COLA, TRÊS COISAS POPULARES NO MUNDO**

Ensinou-me esta viagem ainda que há três coisas absolutamente internacionais, para as quais não há fronteiras nem restrições, nem linhas demarcatórias de qualquer espécie, que interessam a todos os homens em todos os climas e de todas as línguas: o dólar, o futebol e a coca-cola. O diabo dessa bebida é encontrada em toda parte. Bebí Coca-cola gelada além do Bósforo, numa venda turca à beira da estrada, olhando o mar Negro, o Ponto Euxino dos gregos, aquele mesmo mar que os soldados de Xenofonte saudaram do alto das montanhas asiáticas aos berros de *Thalassa!*... E', na verdade, o cumulo.

**UMA VISITA AO LIBANO**  
Uma visita ao Líbano se impunha. Precisava ver Beirute, a cidade nova e a velha, a mon-

## "O AMANUENSE BELMIRO" DE CIRO DOS ANJOS

ADOLFO CASAS MONTEIRO

*Entre as muitas apreciações da obra de *Cyro dos Anjos*, destacamos a crítica percutiente de Adolfo Casais Monteiro — personalidade de grande destaque da literatura portuguesa contemporânea — que abaixo reproduzimos.*

pelo menos quando se trata de criações romanescas. Não importa que o que se passa num romance corresponda ou não a fatos e quem nos é dado como tendo-os vivido, assim como a possibilidade psicológica de uns e outros. Ora, quando o romancista se nos dirige na primeira pessoa, e para mais "finge" um diário, acrescentando-se a isso o talento acima referido, autor e personagem são para nós, por mais que fujamos à tentação de o pensar, uma e a mesma pessoa (note-se: podemos porventura evitar pensá-lo, mas não o sentiremos menos.)

Esta intimidade em que nos sentimos comovidos de penetrar, que cremos ser de fato a intimidade de uma existência, eis um elemento de "captação romanescas" que, seja qual for a sua origem, é um poderosíssimo elemento de aproximação entre o leitor e a obra. Acrescente-se a isto a extrema nudez do estilo, a sua admirável sobriedade, a qual uma sutil ironia humaniza constantemente, e

teremos os elementos que me parecem estar na base da excepcional qualidade deste livro. Este "excepcional" não se refere apenas ao romance em si: para lá dele, pretende pôr em relevo o valor, a significação das personagens e dos seus atos.

O Amanuense Belmiro, sendo embora, pela sua intriga, o mais simples dos romances, é dos que alcançam mais fundo, pela justeza, pela profundidade com que *Cyro dos Anjos* põe a nu e mais humano das figuras que

### PICASSO BANCA O MATA-MOIOS

Juntamente com Cirillo Modigliani, Picasso morou, nos primeiros deste século, num pardieiro de 3 andares, edificado em forma de triângulo, a que deram o nome de "Bateau-Lavoir". Picasso, que estava de relações quase cortadas com a porteira do "Bateau-Lavoir", usava de vários expedientes para intimidá-la. Um deles era o seguinte: Ao regressar à casa, de noite, em vez de puxar o cordão da campainha, dava três tiros de revolver. Com isto ia continuando no prédio, apesar da demora no pagamento dos alugueres atrasados...

## DOLAR, COCA-COLA E FUTEBOL 3 COISAS POPULARES NO MUNDO

tanha dos cedros lendários, onde se erguem as ruínas dos Kraks templários, os castelos feudais que defendiam na época das Cruzadas o caminho das caravanas das especiarias, as colunatas semi-tombadas de Balbek, saída que é a antiga Sidonia púnica, e o rochedo onde os fenícios construíram Tiro, um dos tronos de ouro que a humanidade ergueu sobre o mar, no dizer do velho Ruskin.

**A GRANDE ESTIMA DOS LIBANESES PELOS BRASILEIROS**

Ao ir visar meu passaporte na legação do Líbano em Roma, na via Merulana, o representante daquela nação me recebeu com uma gentileza que de-sejo assinalar. Serviu-me café e declarou-me que os libaneses vivem em tanta segurança e cordialidade no Brasil que a visita dum brasileiro à sua pátria é motivo de grande contentamento. Poucas vezes tenho

tido uma acolhida tão espontaneamente cordial.

**NO MUNDO EGÍPCIO**

A civilização egípcia convidava-me com seus misteriosos e seus maravilhosos museus. Fui ao Cairo e ali, graças a Saladino Fades Bel, meu amigo, chefe dos serviços culturais do Ministério do Exterior, tomei contato com diretores de museus e outras personalidades que me deram notável impressão da cultura egípcia. Além de percorrer toda a cidade do Cairo, que é uma capital moderna, vibrante de progresso, ao lado das mais antigas reliquias do mundo, tive oportunidade de visitar os majestosos monumentos do vale do Nilo e sobretudo os dois magníficos museus da capital do Rei Faruk, o Egípcio e o Árabe, cujo conteúdo de riquezas é, na verdade, indescrevível.

**UMA PERGUNTA INDISCRETAMENTE A ESFINGE**

Do Cairo volvi a Roma em

avião e também pelo ar regressi da Cidade Eterna ao Rio de Janeiro. Graças a Deus encontrei tudo aqui em ordem, malgrado a Sucessão Presidencial. Afastado da política desde muitos anos, não deixo, no entanto, de me interessar pelos seus fenômenos no nosso país.

Quando visitei as Pirâmides, do alto do camelo que me conduzia, ousei interrogar a velha Esfinge sobre quem seria o futuro Presidente da nossa República. Infelizmente nada pude ouvir dos seus milenários lábios de pedra...

**O ALTO PAPEL DESEMPENHADO PELOS DIPLOMATAS BRASILEIROS**

"Não posso — adianta o nosso entrevistado — e não devo terminar minha entrevista sem uma palavra sobre os diplomatas brasileiros que encontram pelo caminho, tanto nos países católicos como in partibus infidelium, à testa de nossas em-

baixadas e legações. Há quem considere a diplomacia uma sincura regada a champagne. Todavia, na verdade, o que é é uma linha de frente da defesa nacional, um serviço de vigilância ativa e nem sempre sem perigos, que os poderes públicos esquecem; não municiam convenientemente e não prestigiam muitas vezes como deveriam.

Em Lisboa, o Embaixador Gracie desfruta uma situação prestigiosa devida ao seu conhecido savoir faire. É um diplomata à inglesa, de uma descrição notável. Rubens Ferreira de Melo, em Madrid, restabeleceu com brilho as nossas relações quase interrompidas e está levando por diante um trabalho de grande embaixador. Em Roma, o embaixador Alves de Souza última admiravelmente o acordo sobre imigração, que nos será grandemente proveitoso. Junto ao Vaticano, temos como representante um diplomata da tradição de Rio Branco, Castelo Branco Clark, que é um grande espírito aliado a um grande coração. Nossos Ministros em Atenas e Beirute Hedefonso Falcão e Thompson Flores, tão longe da pátria que parecem exilados, gozam de ótima situação. O primeiro está, como velho jornalista que foi e homem de letras que é, identificado com a cultura grega, acompanhando passo a passo sua evolução atual. No Cairo, meu amigo Temístocles Graça Araújo, herdeiro do grande nome paterno, conforme tive ocasião de verificar, dispõe das mais prestigiosas relações, conhece admiravelmente a política internacional do Oriente e prepara admirável acordo cultural entre o Brasil e o Egito.

Eis tudo — conclui o sr. Gustavo Barroso — quanto me é possível com a rapidez jornalística da vida de hoje dizer sobre essa longa viagem na distancia do espaço e curtíssima na distancia do tempo, pois que o avião nos permite tornar próximas as regiões mais afastadas. O nosso mundo é um mundo em que se vive demais em pouco tempo.

O Diário, de Amiel, não é uma obra de arte precisamente por ser um caos, um amontoado de pensamentos e de observações de toda a espécie. Mas são estes os Souvenirs d'égotisme, de Stendhal. Imaginário ou real, eis pois o que não tem importância saber-se acerca do diário de Belmiro. O romancista que nos faz esquecer estar fingindo não é mais nem menos artista do que outro que motivadamente cremos ter transposto para a sua obra cenas que realmente foram vividas, personagens que realmente existiram. Tanta arte é necessária para erguer perante os nossos olhos um Belmiro, um Florêncio, uma Jandira, um Silvano imaginários, como para os limitar de um modelo que se tem sob os olhos.

E com isto pouco disse do livro. É curioso: talvez dissesse pouco por uma espécie de pudor em tocar naquela atmosfera tão viva, tão recatada, tão íntima — em quebrar com palavras importunas uma melodia como raramente se encontra num romance, um bafo de vida a tal ponto real que desperta imediatamente tudo o que há de mais íntimo e secreto em cada um. Oxalá livro tão sutil encontrasse compreensão: eu gostaria de o ver lido entre nós, pelo menos pelo happy few, para repetir a designação de Stendhal, com o qual o espírito de *Cyro dos Anjos* não deixa de ser aparentado, e cujos ferventes não poderão deixar de o ser deste Amanuense Belmiro.

## Grande liquidação de livros

Devido a mudança de ramo de negócio, vendemos abaixo do custo livros sobre Brasil, história, sociologia e etc., em francês, italiano e nacionais —

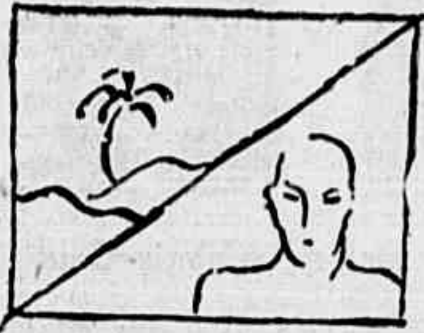
APROVEITEM A OCASIÃO

PRAÇA TIRADENTES, N.º 51





# CARTA DE MARIO DE ANDRADE A MANUEL BANDEIRA



Desenho de Mario de Andrade que ilustrava a sua carta

**S.** PAULO, 10-IX-31  
Manu,  
aproveito uma mela-hora de descanso para conversar com você a respeito do quadro do Manon. (1) O caso desse quadro me interessa especialmente, primeiro pra explicar a minha reviravolta, segundo porque meu alemão de dois centímetros não deu pra eu explicar — bem direito pro Maron os defeitos que achava na obra dele, e ela merece respeito pelo carinho que está se vendo deu pra ela. E ainda, talvez em principal, pelos problemas estéticos que estão no quadro.

Deixo de entrar no problema psicológico de eu entrando pessimista no Salão (de que vim otimista, você sabe), e mornamente passando por tudo numa espécie de descuriosidade fatigada. Vou logo às razões porque o quadro do Maron interessa à primeira vista: Colorido e realismo. O quadro é aparentemente bonito de cor. Mas logo enjoa. Está claro que devia ser assim. O colorido que o Maron deu pra tudo é absolutamente injustificável, puramente de cores bonitas, e com cores bonitas a gente pode fazer um quadro feio. Aquele conjunto de amarelos, alaranjados e verdes violentos da paisagem, com a tonalização cinza-arroxada que é sentimento genérico que se obtém da figura, faz coega. Mas não tem nenhuma criação nem como interpretação da cor do Rio, nem como interioridade, não corresponde por isso a nenhuma verdade nem interior (do artista) nem técnica (do quadro). A exterioridade bonita é mesmo tamanha que provocou aquela observação de não sei quem, de ser o quadro um anúncio de companhia de navegação. Na verdade o colorido é eminentemente Vanity Fair, e outras revistas de finíssimas gravuras coloridas. E' o que de melhor se pode obter em policromias impressas. Corresponde mais à impressão policromica, que a própria reprodução de quadros célebres. E' a realidade da máquina. Repare: o problema da cor do Rio foi completamente abandonado, nem ele foi realista, nem inventou sobre a cor do Rio. Colorido falso quer como criação quer como imitação inventiva. A outra razão pela qual o quadro faz coega é a perfeição extrema da figura, você está parecidíssimo, prodigiosamente parecidíssimo. Como físico e mesmo, confesso, naquela parte em que o físico sempre representa de alguma forma a psicologia do indivíduo. Ele não te interpretou, não deformou você em proveito do quadro nem pela fatalidade duma personalidade interior que faz tudo convergir pra ela quem nem é o caso do Guignard, por exemplo. E' o lado ueril e fotográfico da neue Sachlichkeit, surpreendente de paciência e ninharia. Isso assusta a princípio, depois a gente não se deixa enganar por. A fotografia ninguém atinge com a mão, e reproduz melhor. A pintura terá sempre o seu lado fantasmagórico, o seu lado invenção, o seu lado interpretação, e Maron não deu nada disso, limitando-se a ser uma objetiva que ficou só, por ser pintura, relativamente fiel.

Agora os defeitos: Primeiro é o caso da composição, o quadro está composto na mais detestável tradição, que não foi compreendida por Maron. Lembra imediatamente os processos de Zuloaga e Whistler. Em última análise, esse processo de dividir o quadrado do quadro em mais ou menos dois triângulos, sendo que o que tem a base no baixo do quadro contém o retrato, que fica pois no geral à direita do espectador: esse processo já vem do Renascimento, onde são numerosíssimos os quadros do Santo Tal com o Doador Fulano de Tal. O doador no geral de joelho, em postura de adoração ou rezação. Mas todos estes

Nesta página, Mario de Andrade oferece uma crítica ao retrato de Manuel Bandeira, feito pelo pintor alemão Maron e que "LETRAS E ARTES" reproduz abaixo

se justificam mais ou menos como composição. Primeiro, nos bons quadros desse gênero, sempre a composição dos planos é excelente e nos quadros do Renascimento de que falo, colocar o doador é mesmo uma invenção, não apenas como disposição de planos, mas como composição geral do quadro. Whistler tomava o cuidado de substituir o Santo Tal por uma parede mais ou menos indiferente (retrato de Carlile, retrato da mãe do pintor) de maneira que o retrato, embora sacrificada muito a composição do quadrado, vivia bem. Zuloaga, voltou a melhor composição, substituindo o santo Tal, ou a parede de Whistler, por uma paisagem (allás convém notar que Whistler tomava o cuidado de botar o triângulo do retrato muito maior, que o segundo triângulo, o que permitia centralizar bem a figura e disfarçar a má composição do quadro...), bem, mas a paisagem em Zuloaga era muitas vezes, no gênero de pintura passadista a que ele se dedicava (O quadro-janela), justificável por uma interpretação de cor local, ou intelectual, como é o caso do retrato de Barrés com Toledo (Du Sang, de la Volupté, et de la Mort) no fundo. Justificações associativas, que nada têm que ver com o problema do quadro, mas que era o processo dele e do tempo dele. Ruim mas fatal. Porém não errava totalmente como problema quadro, porque sendo técnico excelente, jamais permitiu que a paisagem sobrelevasse sobre o retrato. Era um quadro, uma música com dois temas, era a composição bitemática, como as fugas, mas os dois temas concertantes entre si. E às vezes admiravelmente concertantes, em

que a paisagem vira interpretativa ou complementar da figura, ou da técnica do pintor, como é nos quadros de Guignard. Ora Maron, servindo-se da composição tradicional desatendeu completamente aos problemas dela. Em vez de dois temas musicais concertantes, o quadro dele tem dois



Desenho de Mario de Andrade que ilustrava a sua carta

assuntos. Um não é mais importante que o outro, e não tem praticamente nenhuma relação com o outro. Na realidade são dois quadros: uma paisagem de Santa Tereza (você morar aí não basta pra justificar isso, porque a paisagem em nada coincide nem psicologicamente, nem literariamente, nem tecnicamente com vo-

cê) e um retrato. Qual é o quadro mais importante? Devia ser você, mas não é. Devido ao colorido, a paisagem sobreleva de muito você, o retrato fica como a sombra que certos pintores passadistas costumam colocar no primeiro plano que os assusta dos quadros, pra destacar o segundo plano luminoso central: lei de centralização, em que Tarsila é tão subtil rainha. E ainda por cima, além de você pelo colorido ficar na sombra, o quadro tem um defeito técnico enorme: os planos estão mal realizados, de forma que o segundo plano (paisagem) avança sobre o primeiro (retrato) e está muito mais na frente que este. Por tudo isso você vê que o Maron, se servindo duma composição tradicional mas que não é natural (natural é o retrato central, Cristo de Tarsila, todo Portinari, o Homem Amarelo, Mussia, Guignard etc. etc.), é puramente artificial, e implica diretamente o problema estético do quadro, não soube compreender o problema, estragou-o mesmo completamente, desequilibrou tudo. Não há quadro. O realismo é pueril. A boniteza é falsificadora (tanto como o é também, e noutro gênero, o retrato de Joanita). (2) E tecnicamente: certa subtilidade de pincelada, enriquecendo as tonalizações dentro de cada forma aparentemente duma cor só (tal barranco, tal folhagem, nada de rica, nada de superiormente inventada. E' superiormente inventada dentro do preto da Estudante Russa, de Anita, é admirável na cara da negra, do painel grande do Di, em que a gradação controla em metal a cara, na epiderme daquele retrato de frente do Gobbi, na camisa do violinista e principalme-



Desenho de Mario de Andrade que ilustrava a sua carta

te na epiderme de você, nos dois quadros do Portinari. Você é bem espontaneista no seu critério de julgar as obras de arte: mas não vejo por onde se possa dizer que observações como as que estou fazendo, por derivarem de juízos, são meramente intelectuais. Se lembre que não tem nada na inteligência que primeiro não passe pela sensação. E tudo, sensação como inteligência, se educam, ou melhor; adquirem a valorização da experiência. E' a experiência que ensina a gente a admirar a contribuição neo-romântica do Schmidt e a não p... em público.

E ciao. Preciso ir mais vezes aí no Rio. Voltel com uma vontade danada de trabalhar. Nos esquecemos da capa da Anita! Inda não telefonel pra ela mas imagino que vai ficar danada da vida. Veja si o Paulo traz a capa. Com um abraço pra todos, e outro pra você.  
MARIO

1. MARON: Frederico Maron pintor alemão, que residiu e não sei se ainda reside entre nós. Há muitos anos que não tenho a menor notícia dele. Em 1930 ou 1931 fez um retrato meu, que julguel excelente. Quando em 1931 se realizou o famoso Salão, que marcou a entrada dos modernistas nessas exposições anuais, a conselho meu enviou Maron algumas obras suas, entre as quais o meu retrato. Mário veio de São Paulo especialmente para ver o Salão. Acompanhei-o na primeira visita que fez a ele. A impressão que teve do retrato foi ótima, como ele próprio confessa nesta carta. Por isso fiquei muito aborrecido quando, dias depois, soube que os fãs de Portinari, para exaltar o seu ídolo, que também mandara para o Salão um retrato meu, se juntaram em frente do retrato do Maron criticando-o, deprimindo-o, e soube mais, que o Mário fazia coro com eles. Fiquei estupefado e indignado. Sobre o caso escrevi a Mário, que me respondeu com esta carta, que ainda hoje considero de uma injustiça e de uma estreiteza insígnies. O quadro de Maron não está mais comigo. O artista pediu-me emprestado para enviá-lo a uma exposição em Berlim e nunca mais tive novas do quadro nem do pintor. Por isso não sei que impressão me faria a pintura passados estes dezenove anos. No momento achei-o, como já disse, excelente, e os sapientes argumentos de Mário não só não me convenceram, mas irritaram-me grandemente.

2. JOANITA: Joanita Blank, pintora, outro retrato de Maron enviado àquele Salão. (Notas de Manuel Bandeira).



Retrato a óleo de Manuel Bandeira, por Frederich Maron, cujo trabalho Mario de Andrade discute nesta carta

## Paul Fort, o peregrino da França

(Conclusão da 4.ª pág.)

escreveu, apresentando "Vive Patrie", o ultimo volume da nova série: "Viajai pela Europa, pela América, pelo Oriente, por toda a parte em que os focos irradiantes da Aliança francesa propagam as palpitações do coração da França, e ali encontrareis amigos de Paul Fort.

E, assim, vai crescendo a glória deste "amável companheiro".

"Se todas as moças do mundo quisessem dar-se as mãos, em torno do mar, poderiam fazer uma roda..."

Se todos os jovens do mundo quisessem ser marinheiros, fariam com as suas barcas uma linda ponte por cima das ondas...

"Então poderiam iornar uma ronda em volta do mundo, se todos se dessem as mãos".

Possam as "Ballades Françaises" efetuar por muito tempo essa ronda, criando asas!

**UM BOM LIVRO?**  
**Livraria Agir Editora**  
Rua México, 98-B

# No Petit Trianon

## MANHÃS DE S. LOURENÇO

DIOGENES LAERCIO

que o tema do campo é porventura o que mais fortemente se acusa nessa partitura secreta que tentamos em vão decifrar a vida inteira, nessa eterna busca de nós mesmos em que andamos todos empenhados.

Este livro é a expressão dessa nota íntima. O campo é, para mim, um espelho, esse espelho com que certos templos shintoístas, ao que dizem, colocam o homem em face de si mesmo. O campo é, para mim, o diálogo interior, o confessorário verde em que cada árvore e cada palhoça, cada morador e cada animal nos força a ir ao fundo da alma, a dizer toda a verdade, a despir todo o artifício que a vida da cidade vai criando em nós, por mais que procuremos sempre tocar a rocha viva da autenticidade que existe no fundo de cada alma humana.

Esse banho lustral de sinceridade e despojamento é que sinto cada vez que consigo retomar contacto com o silêncio, o isolamento, a simplicidade da vida do campo.

Tudo o passado da humanidade nos transmite essa mensagem. Vamos encontrá-la em todas as literaturas, em todas as civilizações. O homem da cidade sonha com o campo, como Tomás Morus, na aurora dos tempos modernos, ou Shakespeare, no mais alto cume da genialidade poética. O homem do campo, ao contrário, só pensa na cidade, só pensa em fugir do campo, em vir para os braços dos polvos tentaculares. Eterna contradição humana!

Estas páginas nada têm, portanto, de singular. Por isso mesmo ouso esperar que encontrem alguma ressonância em tantos espíritos que vêm as cidades tentaculares devorarem, como cancris gigantescos, o organismo de todas as nações e pensam, como eu penso, que só a volta ao campo, só a "descapitalização" da civilização poderá trazer de novo a sociedade a medidas mais humanas e harmoniosas de vida coletiva. Em todo este livro essa tecla é constantemente acentuada. Para que o Brasil possa ser fiel a si mesmo e consiga vencer a trágica apatia que dele se apoderou, sem se deixar colonizar política ou intelectualmente por idéias ou impérios estranhos, precisa antes e acima de tudo abandonar a política errada da concentração litorânea e cidadina e se voltar para o campo, para a fazenda, para a pequena cidade, para a agricultura, para a terra, a velha gleba onde o homem mais facilmente se põe de acordo consigo mesmo.

Estas páginas despretensiosas — escritas ao longo de alguns anos de curtas estadias numa velha fazenda do Estado do Rio, como hospede de um velho amigo a quem as dedico e como compa-

nheiro de um povo bom, bom como o pão e a água, a quem igualmente as consagro, e que tanta coisa me tem ensinado, nessas manhãs, nessas tardes e nessas noites de convívio singelo e humano — estas "manhãs" paradoxais, que também são tardes e noites, não dirão nada ao leitor ávido de originalidade e sensacionalismo. Escrevi-as, entretanto, para você, meu leitor amigo da solidão dos campos, das almas simples dos tropeiros, da vida em sua pureza de fonte. Escrevi-as, antes de tudo, para prolongar, em mim mesmo, a ressonância profunda dessas coisas elementares e essenciais, onde estão as raízes dos mais altos valores da vida e onde Deus habita e a poesia tem a sua casa própria... Rio — Natal de 1948".

### A biblioteca de Afrânio Peixoto

A viúva de Afrânio Peixoto, num gesto generoso o bem inspirado, doou à Universidade do Brasil a grande biblioteca do romancista da "Esfinge", que foi também o eminente professor universitário de "Higiene" e de "Medicina Legal", e que esteve toda a vida a serviço de duas escolas da Universidade.

### Regresso de Gustavo Barroso

Após dois meses de ausência, acaba de regressar da Europa o sr. Gustavo Barroso, presidente da Academia. A viagem de Gustavo Barroso a Portugal e Espanha foi verdadeiramente triunfal: recebeu êle em Lisboa e Madrid homenagens consagradas. Como noticiaram os jornais e informou Julio Dantas, em Lisboa foi êle hospede do Estado, foi condecorado com a mais alta condecoração do país e recebeu na casa ilustre do Duque de Lafões uma excepcional homenagem, na qual falaram numerosos académicos portugueses e esteve presente o alto mundo oficial e mundano. Em Madrid, onde é tão admirado e estimado, teve êle também recepção condigna, sendo eleito para a Real Academia Espanhola de História. Sexta-feira reassumiu êle a Presidência da Casa de Machado de Assis, sendo recebido com ênfase e alegria por todos os seus companheiros, que tanto o querem e admiram.

### João Luso

A sra. Violeta Alcantara Carneiro fez, na última segunda-feira, na ABI, uma interessante conferência sobre João Luso. Foi uma página comovida de saudade, evocando a figura tão simpática e querida daquele escritor luso-brasileiro, membro correspondente da Academia.

### O vagabundo

Segundo conta o "Correio da Manhã", o Prof. Austregesilo, indo hospedar-se recentemente num hotel do interior, deixou o gerente da casa numa grande perplexidade. "Recolhido à vida privada, depois de gloriosa luta de longos anos, no professorado e no exercício da clínica, o professor Antonio Austregesilo, quando lhe indagaram recentemente a profissão, num hotel em que se hospedou por alguns dias, hesitou. Quem estaria realmente encarnado na sua radiante velhice? O professor? O académico? O boníssimo médico a quem tantos deviam no Brasil a saúde e a vida? Não lhe satisfizes qualquer dessas qualificações, e o mestre de tantas gerações escreveu, na ficha do hotel, diante da palavra profissão: "vagabundo".

Não está, todavia, no registro das atividades públicas e particulares essa profissão consignada. Nem a conhece o censo demográfico. Ficou perplexo o homem do hotel, até que soubesse quem se encobria atrás daquela quase alheiosia do ilustre mestre consigo mesmo".

Austregesilo — vagabundo! Que dinâmica, singular e gloriosa vagabundagem!

### O arquivo de Alfredo Pujol

O Cel. Adir Guimarães, que possui uma grande, rica e bela biblioteca dedicada à Academia e aos académicos — com livros, autógrafos e documentos relacionados com a vida da Casa de Machado de Assis — acaba de fazer em S. Paulo uma aquisição importante: comprou o arquivo particular de Alfredo Pujol. E nesse arquivo, além de documentos e originais do mais palpitante interesse, há uma admirável e rara coleção de cartas dos mais eminentes membros da Academia. Uma riqueza, o arquivo adquirido pelo cel. Adir Guimarães — e uma preciosidade.

### Rebello Gonçalves — sócio correspondente

Foi eleito sócio correspondente, do quadro português da Academia, na vaga de João Luso, o eminente filólogo lusitano Rebello Gonçalves.

### Almoço académico na Retoria

O sr. Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil, reuniu em belo almoço, terça-feira, na Retoria do Imperial Palácio Universitário da Praia Vermelha, um grupo de intelectuais e professores em torno de André Maurois.

membro correspondente da Academia. Dada a espiritualidade e a graça tão fina e subtil de que o Reitor cercou, nesse ágape cordial, a figura de André Maurois e sua senhora, o almoço de terça-feira, que contou com a presença de alguns membros da Academia, teve um ar académico, sorrindo decerto ao secreto desejo dos professores universitários presentes que justamente sonham com uma poltrona no Petit Trianon.

### Centenário de Guerra Junqueiro

Passa este ano o centenário de Guerra Junqueiro. A Academia vai celebrá-lo condignamente, devendo fazer uma conferência sobre o autor de "Os simples" o académico Carneiro Lefeo.

Do sr. Júlio Dantas recebeu o sr. Peregrino Junior, a propósito, a seguinte carta: "Meu querido Presidente e amigo: Volto a incomodá-lo. Escrevi-lhe há dois ou três dias para lhe agradecer a mensagem desvanecedora e honradíssima da Academia Brasileira. Já hoje lhe venho pedir um favor. Constituiu-se uma Comissão nacional, a que presido (estas coisas caem-me sempre sobre os ombros), para organizar as comemorações do centenário de Guerra Junqueiro, que passa no dia 15 de Setembro próximo. A par da Comissão organizadora, há uma Comissão de honra, a que presidirá o Chefe do Estado, e na qual me seria por todos os motivos grato incluir o presidente da gloriosa Academia Brasileira de Letras. Quer a sua grande bondade, meu querido Presidente, autorizar a fazê-lo? Junqueiro pertenceu também, como académico correspondente, à Casa de Machado de Assis, — e orgulhava-se disso. Um grande abraço e as mais afetuosas lembranças a todos os nossos amigos. Velho admirador e amigo ex-corde, Julio Dantas"

### CORREIO DA FRANÇA

**T**EM-SE verificado, ultimamente, na imprensa parisiense, certa ofensiva contra a censura teatral e cinematográfica. Claude Mauriac ataca, rudemente, "Censure de la censure", no "Figaro Littéraire".

Os jornais passam a anunciar de novo os livros de Henri Beraud, nome até aqui condenado, no âmbito pela triste legenda de colaboracionismo.

No recente congresso de escritores católicos em Roma, Paul Claudel falou sobre o humanismo e a graça. Os jornais franceses destacam esta frase de sua tese. "Se o humanismo e próprio do homem, poder-se-á dizer que o leninismo e próprio do leão, o serpentismo da serpente. O que é próprio do homem é ser êle a imagem de Deus"

Acaba de aparecer uma "Vie de Vidocq", de Jean Savant. Vidocq o burguês, que depois se tornou agente de policia serviu de modelo para o famoso Vautrin, de Balzac. Dizem, mesmo, que Balzac o conheceu, pessoalmente.

Interrogado numa "enquête" sobre o que pensava da televisão, o advogado e escritor Maurice Garçon limitou-se a responder: "— Não gosto de ser incomodado em casa".

O romancista Philippe Hériat confessa que para evitar o rumor do rádio, costumava trabalhar à noite, entre as vinte e duas horas e as cinco da manhã.

### POR QUE ME RECUSO A ASSINAR O "APELO DE ESTOCOLMO"!

**F**RANÇOIS Mauriac, grande espírito da França contemporânea, cuja dignidade intelectual e moral está acima de qualquer discussão recusou-se a assinar o "Apelo de Estocolmo" contra o emprego da bomba atômica, por este ser encabeçado pelos comunistas. E em belo artigo, recentemente publicado, explicou com justiça e vigor sua atitude:

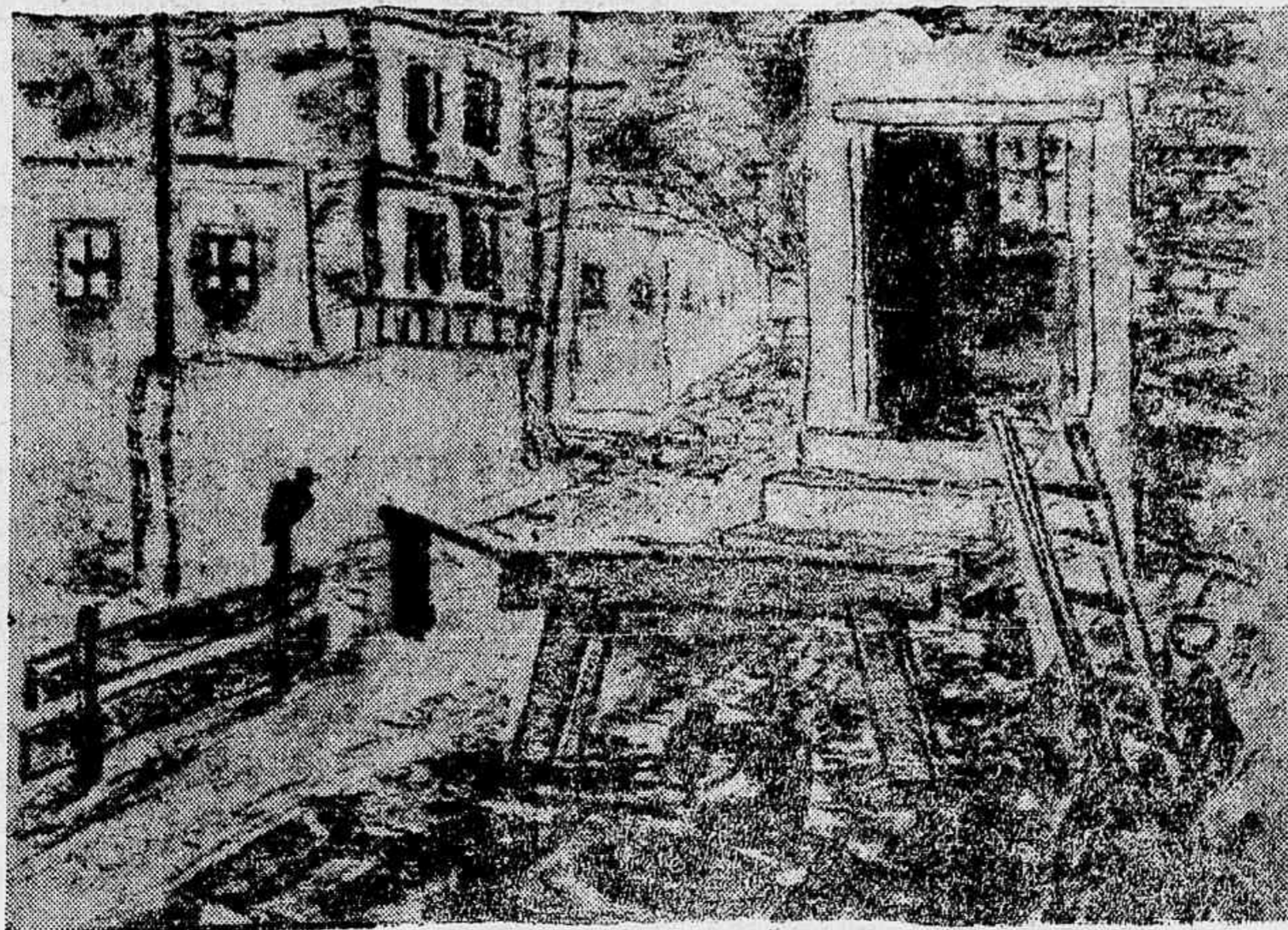
"Por que me recuso a assinar o "Apelo de Estocolmo"? Por que sou pela paz e o "Apelo de Estocolmo" é uma arma de guerra fria. Como é que não compreendéis isto, vós todos que não sois nem negos nem cúmplices? Existe ou não essa potência desumana, cujo objetivo é acabar com o homem nascido cristão? E se existe achais que é possível a gente se entender com ela, a propósito da supressão da bomba atômica? Se acreditais, dizime francamente e ao mesmo tempo, apontai o método. Com que fervor nós vos ouviremos".

### NOVA EDIÇÃO DE "IRACEMA"

Inútil fazer novos elogios a "Iracema". Alencar já pertence ao culto de todas as gerações. E o poema-romance do Ceará é, de fato, uma das suas obras-primas. As Edições Melhoramentos que estão editando todo o José de Alencar apresentam, agora, nova tiragem da "Iracema".

### PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

Iago Pimentel escreveu, com incontestável habilidade e conhecimento, "Noções de psicologia" aplicadas à educação. Do êxito incomum da obra, publicada pela Melhoramentos, diz bem o fato de, em pouco tempo, se haver esgotado, o que motiva o aparecimento, agora, da sétima edição, revista e atualizada.



Desenho de OSWALDO GOELD.

# O ADEUS AO RIO MOSA

(Tradução de  
Herculano de Carvalho)



Ilustração de SANTA ROSA

Ó Mosa embalador e doce à minha infância,  
Que corres pelo campo aonde ficarás,  
Mosa, adeus; dentro em pouco eu serei a distância  
Em novas regiões onde não correrás.

Eis o momento de ir a novas regiões:  
Travarei a batalha e galgarei torrentes;  
Tenho de ir afazer-me a novas profissões,  
Tenho de ir começar ali obras diferentes.

E durante êsse tempo, andando sem dar conta,  
Manso, tu correrás, romeiro habituado,  
Por êste feliz vale onde a relva desponta.  
Inesgotável rio, ó Mosa bem amado.

(Um silêncio)

Tu correrás sem fim neste vale, hora a hora;  
Por onde ontem passaste, hás-de amanhã passar.  
Nunca mais saberás da pastora, que outrora  
Com suas mãos brincava, em criança, a cavar  
Regueiras pela terra, — aluídas agora.

A pastora se vai, o gado abandonando,  
E a fiandeira vai-se, abandonando o fuso.  
Eis o momento de ir prá longe de teu curso,  
Eis o momento de ir nossas casas deixando.

Ó Mosa inalterável, doce à infância pura,  
Mosa, a quem nada diz o humano sofrimento,  
Que nem sabes sequer a dor do apartamento,  
Tu que andas a correr mas que não partes nunca,  
Ó tu, que nada vês de nosso vão cuidado,  
Inalterável rio, ó Mosa bem amado.

(Um silêncio)

Quando aqui voltarei, fiar ainda a lã?  
Quando as águas verei com que banhas meus êrmos?  
Ver-nos-emos ainda? E quando nos veremos?

Mosa que eu amo ainda, ó Mosa que eu amei.  
(Um silêncio muito longo)

Ó casa de meu pai, de lareira pequena  
Onde, às noites, fiando a lã junto dos meus,  
Eu ouvia canções duma antiga Lorena,  
O momento chegou de te dizer adeus.

Cada noite, ao acaso, estranha em lares diferentes,  
Escutarei canções que não ouvi jamais;  
Cada noite, ao sair de batalhas diferentes,  
Eu entrarei em lares que não vira jamais.

(Um silêncio)

Casa de pedra forte, onde em breve os que eu amo,  
Sabendo que menti e que parti sem mais,  
Vão desesperadamente, a chorar meu engano,  
Na lareira já morta, orando de joelhos,  
Na lareira já morta em que há lugar demais.

Quando é que hei de poder fiar ainda a lã?  
Assentada à lareira a ouvir velhas canções;  
Quando é que dormirei depois de ter rezado?  
Nesta casa fiel, propícia às orações;

Ver-nos-emos ainda? E quando nos veremos?  
Ó casa de meu pai, ó meu lar bem amado!

(Fragmento do "Mistério de Joana d'Arc")

CHARLES PEGUY